

De Israel para a Península Ibérica: Uma trajetória de fugas, afirmações e perseguições sobre os judeus. A herança histórica dos hebreus.*

Autor: Andrey Willy Carvalho **

A trajetória dos Judeus na história é marcada por uma série de ininterruptas provações, escapes, afirmações, perseguições, situações em que tiveram que apoiar firmemente sua fé numa religião que constituía o centro de suas vidas, num Ser divino que abrigava o segredo da salvação e da redenção que tanto ansiavam. Acompanhando desde algumas de suas primeiras perseguições ainda em suas terras, chegaremos à afirmação, prosperidade e conseguinte atribuição sofrida pelo povo judeu na Península Ibérica, onde disseminou seus costumes, seus talentos, sua filosofia.

No século VI a.C., o rei Nabucodonosor, do poderoso império da Babilônia, invadiu e saqueou Jerusalém, destruindo seu templo e deportando cerca de quarenta mil judeus para Babilônia. Esta foi a primeira diáspora. Sobre esse episódio, o profeta Jeremias escreveu uma carta aos judeus cativos na Babilônia, que nos permite pensar o que estava ainda por vir. Em um trecho da carta, ele dizia:

“Porque assim diz o Senhor: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar. Porque eu *bem* sei os pensamentos que tenho sobre vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então me invocareis, passareis a orar a mim e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis, e me encontrareis quando me buscardes. E serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos, e congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos transportei.”¹

Ao chegarem às terras do rei, os judeus firmaram suas sociedades, mantiveram seus costumes, floresceram econômica e quantitativamente, e por meio dos contatos com as culturas do local, absorvendo aprendizagens e valores, passaram, por exemplo, a falar o aramaico em detrimento do hebraico, este agora sendo usado dentro de grupos judaicos. Em 538 a.C., Ciro I, rei da Pérsia, conquistou a Babilônia e deu aos judeus passe livre para voltarem à sua cidade e reedificarem seus muros e os templos através de

* Texto desenvolvido na Unidade III do semestre 2007.1, na disciplina História da Civilização Ibérica, como um dos requisitos para avaliação da Unidade.

** Aluno graduando do terceiro semestre do curso de História (licenciatura e bacharelado) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

¹ *Jeremias*, 29. 10, 14.

Esdras e Neemias²; muitos hebreus partiram, mas muitos ficaram, pois preferiram a boa situação a que estavam acostumados dentro do império. Após muitos anos, em 70 d.C., o Império Romano, no governo de Tito, invade e destrói Jerusalém, levando-a a ruína; mais uma vez os judeus são forçados a dispersão, a partir da qual se espalham para Ásia Menor e para o sul da Europa. Seria a segunda diáspora.

O exílio figurou uma constante na história dos judeus desde a Antiguidade, guiando “*os dois grandes núcleos do povo judeu para rumos diversos, fixando-se, os filisteus, na bacia mediterrânica e na Hispânia e, os cananeus, nas regiões a norte dos Pirenéus e na Saxônia.*”³ Temos aqui a denominação de dois povos formados pela separação da segunda diáspora, os *Sefardim*, que recebem esse nome por se fixarem no Sefarad⁴, e os *Askenazim*⁵, ambos que “*por todo um teor de motivações, psicológicas, culturais e religiosas, exprimem duas tradições vivenciais diferentes.*”⁶

Os *Sefardim*, perseguidos pelo Islamismo na África, levaram consigo valores babilônicos e receberam influência dos muçumanos, com quem conviveram na Espanha, em Sefarad. Apesar de isolados em matéria de aquisição de saber profissional, a ida desses judeus a países Árabes do Oriente e a transmissão das artes e das ciências de pais para filhos, fez com que a safra de poetas, médicos, astrólogos, conselheiros de finanças e especialistas em comércio fosse de suma importância para o florescimento e estabelecimento econômico e cultural dos hebreus na Península Ibérica, caracterizando este período, entre o século X e XII, como a “Idade de Ouro”.

Os *Askenazim*, radicados na França e Alemanha, mantiveram pouco contato com a cultura cristã e deram surgimento a duas correntes: a *cabala*⁷, provavelmente de

² Figura bíblica a quem se atribui a autoria do livro de Neemias, ou segundo livro de Esdras, do Antigo Testamento. Governador da Judéia nomeado pelo rei Ataxerxes I da Pérsia, foi incumbido da reconstrução dos muros de Jerusalém. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

³ GOMES, Pinharanda. História da Filosofia Portuguesa, A Filosofia Hebraico Portuguesa. In: Coleção Filosofia & Ensaios. Guimarães Editores – Lisboa, 1999. p. 13.

⁴ Nome que aparece na Bíblia, pelo que se supõe, pela possibilidade de um intercâmbio comercial havido entre a Espanha, Sefarad, e os antigos fenícios. Por isso, os habitantes dessa região denominam-se em hebraico sefardim ou sefaradim.

⁵ Designação dos judeus da Europa central, em contraste com os sefarditas, judeus da península ibérica.

⁶ GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p. 13.

⁷ “(...) significa ‘recebimento’, tradição e, no sentido primário, não é diversa da tradição doutoral eclesiástica (...) Assim como a Teologia se potencia na ontologia aristotélica, a Cabala está potenciada na Tora e cresce no decurso das controvérsias rabínicas, onde afluem as constantes da sapiência hebraica e as sincreses gnósticas, orientais e helênicas, sobretudo no período do neoplatonismo. *Cabala* designa, no entanto, e num grau primário, o recebimento da tradição, que em certos níveis especulativos, tende a um esoterismo hermenêutico. Torna-se, aí, por virtude da arte cabalística, um fenómeno especulativo simbólico apenas inerente ao judaísmo, e sem efectiva correspondência com outras tradições, cujos esoterismos, sendo *cabalas*, não constituem a *Cabala*, que é, em suma, o tópico da filosofia hebraica.” GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p. 82-83.

origem Hispânica vindo “*como sistema de notícias dos sentidos mais recônditos e escuros das Escrituras*”⁸, e o *hassidismo*⁹.

Na Península Ibérica, propriamente na Espanha durante o domínio muçulmano, os judeus ascenderam de maneira única fazendo brilhar a medicina, a filosofia e a literatura. Foi nesse período, a “Idade de Ouro”, onde alcançaram os mais altos cargos da sociedade, trabalhando, alguns deles, diretamente para os reis e edificando a economia do país. Tornaram-se um grupo de visível respaldo e foram, por isso, alvo de perseguição por parte da burguesia que surgia e mantinha uma posição muitas vezes secundarista nas finanças, na política e na moral do Estado.

O cristianismo, que viera a firmar-se durante o período muçulmano de poder na Espanha, foi seguido por um sentimento de anti-judaísmo que tomou conta da sociedade, da Igreja Católica e do reino espanhol. Após converterem-se ao cristianismo, Isabel I e Fernando, rei da Sicília, Aragão e Castela, ambos reis da Espanha, fizeram-se desejosos de consolidar a unidade religiosa e repreender os judeus. Tomaria forma, então, nessa época, aquilo que Jacques Le Goff classificou, em sua narração n’*A Civilização do Ocidente Medieval*, de “cristianização a força, morticínio ou conversão”¹⁰ há quando Carlos Magno entrou na Alemanha e inaugurou essa tradição de conquista que visava dominar os Saxões entre 772 e 803 e que perduraria fazendo face a toda a Idade Média. Começa assim a perseguição aos judeus.

A primeira investida contra os judeus acontece em 1391 quando o arqui-diácono de Sevilha, Fernando Martinez de Ecija, após a morte de João I de Castela e do arquiduque, promove uma investida levando uma multidão enfurecida a um bairro judeu, obrigando os capturados a converterem-se, os que não conseguiam fugir e se negavam a conversão foram chacinados. Esses fanáticos percorreram cidades agitando e perseguindo em massa os judeus. Em 1443, surgem os primeiros decretos de “*Limpieza de sangre*”¹⁰ separando judeus e conversos cristãos. Mas os conversos também foram perseguidos a partir de 1449, sendo ricos mercadores foram culpados pelo brusco aumento de impostos devido à guerra contra Aragão. No ano de 1478, os reis católicos da Espanha aceitam o pedido feito pelos eclesiásticos de instaurar a Inquisição em Sevilha. Conhecidos como “Tribunais do Santo Ofício”, eram dependentes do Conselho

⁸ João Pacheco, *Divertimento Erudito*, III (1741), 893. Apud. GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p.82.

⁹ “(...) se desenvolveu além-Pirenéus, e foi mais atento à vivência da piedade do que à especulação simbólica, o que não ocorrera de maneira tão patente na Cabala Hispânica.” GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p. 13.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Trad: Manuel Ruas. Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1983.

Supremo que tinha três inquisidores e procuradores. Postos estes que se tornaram muito requisitados porque testemunhavam a “limpeza” do sangue espanhol e garantiam regalias diversas como isenção de impostos.

A Inquisição espanhola perseguiu não só aqueles que não se declaravam convertidos ao cristianismo, como também aos que mantinham outras práticas doutrinárias, acusando-os de feitores de bruxaria, heréticos e outras superstições como homossexualismo, bigamia e concubinato dos clérigos. As penas, principalmente nos reinado de Fernando e Isabel de Castela, quando o frei dominicano Tomás de Torquemada foi nomeado inquisidor-geral tornando-se o mais cruel dos inquisidores da história, foram frequentemente de morte em público, geralmente depois de um ritual. Alguns escritores dizem que um dos principais fatores que levou ao pedido dos próprios inquisidores de expulsarem definitivamente os judeus da Espanha, foi a confissão que eles faziam durante o ritual de morte, negando a crença a qual se converteram ou não e gritando em devoção o amor e obediência ao seu deus. A partir desse fato, todos os judeus foram expulsos da Espanha para não mais “contaminarem as *mente castus* do povo espanhol.”

Assim, em 1492, Fernando e Isabel estipulam por meio de um decreto que todos os judeus devem sair da Espanha e os que se negarem terão de ser convertidos. Cerca de 180 mil judeus fogem para diversos outros países, milhares deles procuraram abrigo em Portugal onde foram obrigados a pagar uma taxa para entrar no país. Dom João II, então rei Português, prometeu aos judeus que lhes daria abrigo por algum tempo enquanto se restabeleciam, no que depois os mandaria para o país de origem em seu próprio navio. Promessa essa que realmente não cumpriu.

Mas, durante o reinado de Afonso Henriques, os judeus viveram mais um período de prosperidade, formando comunidades em Lisboa, Porto, Santarém e Beja. A participação judaica na área política e financeira foi mantida por muito tempo, embora, assim como na Espanha, seu desenvolvimento eficaz tenha despertado a inveja e a cobiça de outrem, como a burguesia portuguesa.

Depois de alguns anos, em 1496, o então rei Dom Manuel, que se casara com a viúva Isabel de Castela, expulsa os judeus de Portugal, deixando clara a influência da intolerância religiosa da Espanha em seu país. No entanto, ao perceber quão grande era o número de judeus que quiseram sair, ele fechou todos os portos, bloqueou todas as saídas e não deixou que nenhum judeu fosse embora de Portugal. Em 1497, todos os judeus foram forçados à conversão, sem exceção, e ficaram conhecidos como cristãos-

novos. Muitos deles se negaram a curvar suas cabeças ao catolicismo e continuaram a praticar os hábitos do judaísmo dentro de suas casas; eram os judeus secretos, convertidos de nome, mas não de alma, que ficaram conhecidos como *marranos*¹¹.

“Os marranos não constituem uma associação secreta, antes constituem uma sociedade clandestina, formando o que se convencionou chamar uma sociedade críptica; ilegal e clandestina, o que propõe uma iniciática. A sociedade críptica é ilegal por não ser permissa por lei, clandestina, porque actua às escondidas na sociedade a que se opõe, e secreta, só porque, dando sinais de existência, se oculta. Iniciática, enfim, porque a admissão requer um sistema de sinais e uma endoutrinação separada.”¹²

Durante todo o reinado de Dom Manuel, os marranos criaram o hábito secreto de seguir sua religião, respeitando as cerimônias como o Shabbat, a Páscoa, o jejum do Yon Kippur¹³, sendo, assim, os responsáveis por manter vivo dentro de Portugal a essência do judaísmo, que se faz observar hoje com cerca setenta por cento da população portuguesa com antepassados judeus.

Com a morte do rei Dom Manuel e ascensão de Dom João III, este sabia dos rumores de que havia convertidos que mantinham suas práticas originais do judaísmo, e, alegando que isso se configurava como um crime contra a ordem vigente, ele pediu ao Papa permissão para estabelecer um Tribunal em Portugal. Em 1536, depois do desenvolvimento e riqueza obtidos pelos judeus, e conseqüente benefício do país, o Papa concedeu a ordem oficial de estabelecimento do Tribunal Inquisitorial em Portugal, que, a partir daí, perduraria por 285 anos.

Com a arbitrariedade da Inquisição, o *Pogron de Lisboa*, o fanatismo maléfico dos portugueses em perseguir os judeus, os castigos e as mortes sangrentas e cruéis, por volta de 1547 os judeus iniciaram uma nova diáspora, indo para os mais diversos lugares. Alguns rumaram para o norte Europeu onde fundaram comunidades nos Países Baixos e na Alemanha. Outros foram para o sul da França, em Bordéus, Tartas, Biarritz, entre outras. Alguns retornaram ao Oriente Médio. Entre 1630 e 1654, quando os holandeses dominavam o Nordeste brasileiro e os portugueses tomaram Recife, os

¹¹ “As hipóteses de origem da palavra são várias: *marit ayim* (o que parece mas não é), *mohoram attah* (excomungado), *mumar* (apóstata), seguido do sufixo *ano*, e *anathema maranatha* (imprecação excomunitória). Este grupo de etimologias pode não estar garantido para a palavra mas, na substancia, tem algo a ver com o conceito. (...)Na literatura controversista, o substantivo carrega-se de sentido pejorativo, por vezes insutuoso.”

¹² GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p. 171-172.

¹³ Nome dado no calendário judaico ao dia dedicado ao perdão e à expiação de culpas, por meio de jejum, orações e penitências. Festejado no décimo dia do mês do tishri, entre setembro e outubro no calendário gregoriano. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

judeus saíram em viagem, fugidos e fundaram a primeira comunidade israelita na América do Norte, a Nova Amsterdã, atual Nova York.

Assim, dentro do âmbito epistemológico de análise desse período da história dos judeus, desde a primeira delas até, e especialmente, sua passagem pela Península Ibérica,

“A Diáspora acentuou a distância de Israel e da Igreja, que, virada para a pregação universal, era, cada vez mais, uma igreja constituída por pagãos conversos e, cada vez menos, uma igreja de judeus seguidores de Cristo. Judeu é, desde então, o que repele o cristianismo e confessa lealdade ao Templo. O monoteísmo jávico e o anticristianismo definem as situações temporais dos judeus do degredo.”¹⁴

¹⁴ GOMES, Pinharanda. Op. Cit. p. 146.

Bibliografia

GOMES, Pinharanda. História da Filosofia Portuguesa, A Filosofia Hebraico Portuguesa. In: Coleção Filosofia & Ensaios. Guimarães Editores – Lisboa, 1999. 680 pp.

LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval. Trad: Manuel Ruas. Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1983.

Fontes

<http://comunidadeshemaisrael.blogspot.com/2007/02/judeus-na-pennsula-ibrica.html>

<http://www.editorial.com.br/shema/index.htm>

<http://www.ensinandodesiao.org.br/Abrajin/0102.htm>

http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf19.html

<http://www.geocities.com/kbeto082002/Historia/nossasfamilias.html>

<http://www.ics.ul.pt/agenda/seminarios/historia/pdf/2006-01/conf-jtavim.pdf>

http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=275&p=0

<http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda6b2.htm>